

SACRIFÍCIO: DOR OU SIGNIFICADO

(Fl 2,5-11)

José Luiz Gonzaga do Prado

Resumo

O artigo parte do conceito popular de sacrifício como dor e resignação, que chega ou chegava ao prazer em curtir o sofrimento. Busca em Fl 2,5-11 uma explicação para a morte de Cristo menos voltada para a dor como tal ou como obediência cega a um Deus sedento de vingança e, mais, como abertura de um novo caminho para uma nova humanidade. Quanto ao texto, primeiro o artigo procura desfazer a convencional perspectiva essencialista que o aborda com a pressuposição da preexistência e da divindade. Aponta as dificuldades dessa abordagem ao interpretar palavras importantes do texto e, à luz da retórica semita e da figura de Adão, propõe uma leitura mais lógica e coerente com o contexto do corpo da Carta, o sentido integral da vida cristã. Jesus é o novo Adão, tema caro a Paulo, início, portanto, de uma nova humanidade. Par a nova humanidade, um novo paradigma: não a competição pelo poder e pela glória, mas o esvaziar-se a si mesmo pelo bem dos outros.

Palavras-chave: *Sufrimento. Traduções. Retórica semita. Novo Adão. Paradigma.*

Abstract

This article comes from popular conception of sacrifice as pain and resignation that goes until to plesure in suffering. In Fhil 2,5-11 he searches an elucidation for Jesus death to urnedless to pain as such other as blind obedience to a God revenge thirstly, more as opening to a new road for a new humanity. As to the text, first the article search to break the conventional essentialistic perspective that accost him with the prejudice of Christ's preexitence and divinity. He indicates the difficulties of this approachment to translate very importants words of the text and, at knowlege of semitical rhetoric and of Adam's figure, offers a more logical reading and, in coherence whit the context of the Letter's body, the entire Christian life. Jesus is the new Adam, beginning of a new humanity. For a new humanity, a new

paradigm: no to competition for Power and glory, Yes to self emptiness to serve the others.

Keywords: *Sufference. Translations. Semitical rhetoric. New Adam. Paradigm.*

Introdução

Entre os manuscritos de Antônio Conselheiro publicados por Ataliba Nogueira encontramos este trecho sobre a ‘Desolação de Maria durante seu desterro no Egito’:

A Santíssima Virgem durante seu desterro no Egito não poucas vezes derramava lágrimas pelo que via diante dos seus olhos e pela distância de sua querida Sião. E nisto mesmo a Senhora nos ensina a desprezar o mundo e suspirar pela pátria celeste, nossa verdadeira morada. Sigamos, portanto, o exemplo de Maria, imitemos sua resignação e, levantando para o céu o nosso coração, por entre suspiros aclamemos: Quando te verei, pátria querida? Quando, na companhia dos bem-aventurados cantarei os louvores do Senhor? Ah! Fazei, minha querida mãe, que eu tenha esta felicidade, apesar de não a merecer¹.

Essa não é uma voz isolada. A insistência nos sofrimentos de Jesus e de Maria (pensar nos grandes eventos da Semana Santa) percorre a formação do nosso povo católico desde muito tempo. E leva – ou provê – à resignação ou conformismo, que se esperava dos escravos.

Bernardino Leers observava que as pessoas formadas com esse espírito pareciam ter prazer em curtir o sofrimento, por exemplo, fotografando um cadáver. Encontrei certa vez, aos pés da imagem de Santa Rita, a fotografia da mulher falecida no parto, ao lado o caixãozinho da criança e o pai e a mãe da falecida, sentados de um lado e do outro dos dois cadáveres.

“Se Jesus e Maria sofreram, nós também devemos sofrer” ainda se ouvia frequentemente, não faz muito tempo. Pensar também em como as pessoas, mesmo de um grupo popular de reflexão bíblica, interpretam a palavra de Jesus registrada nos Sinóticos: “Quem quiser me seguir tome a sua cruz e siga-me!” Para a maioria ‘cruz’ significa dor e sofrimento que devem ser tolerados resignadamente. Sacrifício será isso?

Nos altares de igrejas católicas encontramos dois modelos: o primeiro, semelhante aos altares monumentais onde, no templo de Jerusalém ou nos templos dos ídolos, se queimavam as carnes do animal sacrificado; o segundo, semelhante a uma mesa de refeição comum. São duas abordagens do ‘Sacrifício Eucarístico’.

1. Citado por LIBÂNIO, J.B. *O problema da salvação no catolicismo do povo*. Vozes: Petrópolis, 1977.

Por tudo isso é natural que hoje haja uma forte resistência à ideia e à palavra sacrifício. É por isso que vamos buscar neste artigo o significado e o sentido que possa ter o sacrifício, especificamente o que chamamos de sacrifício de Cristo. Vamos pesquisar esse sentido no chamado “hino cristológico” (Fl 2,6-11) situado no corpo da Carta B de Filipenses.

As Cartas aos Filipenses

Policarpo de Esmirna, escrevendo “à Igreja de Deus que está morando em Filipos”, refere-se às *cartas* que o Apóstolo Paulo escreveu a essas comunidades. Seriam, então, mais de uma carta?² Onde estariam as outras, já que na Escritura só encontramos uma Carta aos Filipenses?

No mesmo texto da única canônica distinguimos 3 cartas: Uma de breve agradecimento pela ajuda recebida dos filipenses (4,10-20), visivelmente encaixada entre os versículos 9 e 21. É a que chamamos de Carta A. Uma, que interrompe o tom amistoso da parênese, iniciada em 3,1 e continuada em 4,1 (3,2-21), que chamamos de Carta C. A Carta B é o restante. É uma carta completa, com a apresentação de remetentes e destinatários, a saudação inicial, a ação de graças, o corpo, a parênese e as saudações finais. É dentro do corpo dessa Carta B que está situado o nosso texto e é no contexto da retórica semita que vamos analisá-lo.

O texto e as traduções de Fl 2,6-11

Quanto ao texto não há variantes de grande importância. A mais relevante seria a do v. 7, Papiro 46, que traz o singular em vez do plural, “semelhança de homem” (*‘antrôpou*), em vez de “semelhança dos homens” (*‘antrôpōn*). Uma conjectura de Reinach, *‘arpagmón* ‘inativo’ ou ‘ocioso’ em vez de *‘arpagmón* ‘roubo’ ou ‘furto’, não merece ser considerada.

Quanto às traduções, na Vulgata e na Nova Vulgata encontramos uma divergência do texto grego. Onde o texto grego diz: “não considerou roubo *to eĩnai* igual a Deus”, a Vulgata e, seguindo-a, a Nova Vulgata, dizem: “non rapinam arbitratus est *esse se* aequalem Deo”. Em vez do artigo *to*, antes do verbo ‘ser’, a Vulgata colocou o pronome reflexivo *se*. A língua latina não possui artigo definido, que, na prática, é mais um adjetivo demonstrativo. É muito diferente o sentido de “não considerou roubo *ser ele mesmo* igual a Deus” e “não considerou roubo *o (aquele)* ser igual a Deus”.

2. Sobre as três “Cartas” aos Filipenses ver COMBLIN, José. *A Epístola aos Filipenses*. Petrópolis: Vozes; São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista; São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985 (Comentário Bíblico NT); SÁNCHEZ BOSCH, José. *Escritos Paulinos*. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 2002, p. 346-347 (Introdução ao Estudo da Bíblia, v. 7).

A antiga tradução latina de Jerônimo, influenciada, sem dúvida, pelo debate cristológico que tinha levado ao Concílio de Niceia, entendeu que esse “ser igual a Deus” era o de Jesus, não o de alguma outra proposta. Isso influenciou muito as atuais traduções em línguas modernas e deu ao todo do texto um entendimento de preexistência e de divindade de Jesus.

As atuais traduções, em consequência, se embaraçam enormemente com a palavra ‘*arpagmón*’ (v. 6) que significa rapto, furto. “Não considerou *furto* a sua igualdade com Deus”. O que quer dizer isso? Não achou que sua igualdade com Deus pudesse ser roubada? Por quem? Ou não achou que fosse um furto o fato de ser ele igual a Deus? Quem falou nisso?

Daí as traduções: “Não julgou como um bem a ser conservado com ciúme a sua igualdade com Deus” ou “não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente” ou “não pretendeu reter para si ser igual a Deus” ou “não fez alarde de ser igual a Deus” ou “não considerou como uma usurpação ser igual a Deus”. A conjectura de Reinach (‘ocioso’ em vez de ‘furto’) parece buscar para esse problema uma solução claramente fantasiosa.

Pressionadas por essa ordem de pensamentos ou por esse preconceito, as traduções modernas também se veem em dificuldade para interpretar a expressão *morfê theou*. Encontramos mais frequentemente “condição divina”, “condição de Deus”, quando não “natureza divina”; outras, mais discretamente, mas fiéis ao grego, trazem “forma” ou “imagem de Deus”.

O contexto da Carta B

Apesar de os Atos dos Apóstolos não se referirem a alguma prisão de Paulo em Éfeso, tenho plena convicção de que Paulo está no pretório dessa cidade, preso pela autoridade romana. Lucas tem seus motivos para fugir de confrontos com as autoridades do Império, que já decretara o cristianismo *religio illicita*. Tinha receio de pôr mais lenha na fogueira. Paulo, entretanto, diz ter lutado contra as feras em Éfeso (1Cor 15,32), a mesma metáfora usada por Inácio de Antioquia quando, levado a Roma prisioneiro, diz estar preso a quatro feras, aludindo aos soldados romanos que o vigiavam.

Sabendo que ele estava preso e certamente passando por dificuldades econômicas, preocupados, seus amigos de Filipos recolheram algum dinheiro e mandaram Epafrodito a Éfeso para levá-lo a Paulo. Ele enviou, então, a breve carta de agradecimento, a Carta A. Epafrodito ficou fazendo companhia a Paulo na prisão, mas caiu gravemente doente. Isso aumentou a preocupação da comunidade. Esses fatos motivam a Carta B.

Na ação de graças inicial Paulo comemora a afinidade que tem com essa comunidade: a alegria e animação que sua atuação na propagação do Evangelho lhe proporciona, além do carinho que os filipenses têm por ele e ele pelos filipenses.

O corpo da carta

Devemos ler o corpo, ou núcleo da carta, à luz da retórica semita. Os acontecimentos que motivaram a carta, ou seja, a prisão de Paulo, a doença de Epafrodito e a solidariedade ou não dos companheiros, estão no início e no fim. Na comparação com um sanduíche, seriam as duas fatias de pão. São os itens A e A'. Em segundo e em penúltimo lugar estão a presença e a atuação dos irmãos, diante de um mundo inimigo (B) e envolto nas trevas da corrupção, onde devem ser um farol a iluminar (B'), as duas fatias de mussarela. No centro, o miolo, C e C', orientações para que a comunidade seja perfeita, seguindo o caminho aberto por Jesus.

Assim podemos ver esquematicamente todo o corpo da Carta B:

A - Notícias de Paulo, preso, e as reações dos irmãos (1,12-26)

B - Atuação dos cristãos num mundo inimigo (1,27-30)

C - O pouco que falta para que a comunidade seja perfeita (2,1-4)

C' - O paradigma do Messias Jesus (2,5-11)

B' - O cristão, farol num mundo de trevas (2,12-16a)

A' - Notícias de Paulo, Epafrodito e Timóteo (2,16b-30)

O nosso texto, situado assim, à luz da retórica semita, no todo do corpo da chamada Carta B, não deveria se chamar hino cristológico, mas, sim, hino da cristopraxia. Seu objetivo não é falar da natureza do Messias Jesus, é falar de sua prática, da sua ação ou maneira de agir específica. Não pretende se antecipar a um debate que se tornou agudo no século IV, muito menos justificar o poder imperial na Igreja, pretende apenas mostrar o caminho aberto por Jesus e pelo qual os seus discípulos devem seguir, a fim de superar os obstáculos que este mundo lhes apresenta e ser uma luz a vencer as trevas da corrupção.

No trecho de 2,1-4 Paulo reconhece com alegria as coisas boas que já acontecem na comunidade. Pede apenas que completem sua alegria, vivendo cada vez mais unidos e, especialmente, superando totalmente duas sérias tentações: a ganância e a glória. Sugere, então, que cada um se considere o último de todos e não lute pelos seus interesses, mas pelo dos outros. Falta só isso para que a comunidade seja perfeita e sua alegria seja completa. Quem faz isso? É o Messias Jesus.

Analizando o texto

O versículo 5 é uma passagem, uma dobradiça ou engate dos versos 1-4 com os seguintes 6-11. Paulo usa com muita frequência o verbo *fronéō*. Derivado do vocábulo *frēn*, que é a película que envolve todos os órgãos vitais, o verbo significa tudo o que vem do interior da pessoa. Nós distinguimos e até separamos

cabeça e coração, razão e sentimentos. Em Paulo, *froneîn* significa sentimentos e razão, sensações e ideias, modo de sentir e modo de pensar.

Paulo segue na segunda pessoa do plural, dirigindo-se a seus leitores aos quais havia pedido que completassem a sua alegria, cada qual se colocando como último e lutando pelo bem dos outros: *Tende dentro de vós mesmos a mesma maneira de pensar e sentir que há no Messias Jesus. 'en 'umĩn* corresponde a *'en Xristō 'Iēsou*. Deve vir de dentro a maneira de pensar e agir igual à do messias que é Jesus, aquele que abriu um caminho novo para a humanidade, o caminho da vida e salvação.

A expressão forma de Deus *morfē theou*, influenciada pela antiga tradução latina, adquiriu o sentido filosófico de forma substancial, vindo a ser traduzida até mesmo por “natureza divina”. No Novo Testamento, a palavra *morfē* só ocorre mais uma vez, no acréscimo ao Evangelho de Marcos, onde se diz que Jesus apareceu em outra forma (aparência) aos discípulos de Emaús. Nos escritos judeus e cristãos contemporâneos do Novo Testamento (Flávio Josefo, Fílon, Padres Apostólicos) a palavra jamais tem o sentido filosófico, significa sempre aspecto, aparência ou o que regularmente chamamos de forma, formato, figura, imagem.

Jesus o novo Adão, uma chave

Por seu apego à Lei como o mais fiel dos fariseus, Paulo morreu para a Lei (Gl 2,19). Com a Lei morreu também o sonho de um messias nacionalista, poderoso filho de Davi. A salvação não é agora só para os judeus, é para a humanidade toda, de tal forma que Jesus é um novo Adão, início de uma nova humanidade.

O texto de Rm 5,12.14.17.19 é clássico:

¹²por um homem o pecado entrou no mundo e, através do pecado, a morte... ¹⁴A morte reinou de Adão até Moisés também sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, que é tipo daquele que haveria de vir...¹⁷Se, pela transgressão daquele único, a morte reinou através do único, muito mais os que recebem a fartura da graça, o dom que é a justiça, hão de reinar através daquele único que é o Messias Jesus. *E também*, ¹⁹como pela desobediência de um só homem, foram muitos os que se fizeram pecadores, assim também, pela obediência de um só, são muitos os que se fazem justos³.

3. Nota da Redação: Há um artigo escrito pelo falecido professor de Exegese no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, infelizmente não levado em consideração aqui no Brasil: VOIGT, Simão. “Homoiôma (Rm 5,14) e pecado original: Uma releitura exegética”. In: *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB), v. 41, 1981, p. 5-18. O autor, além de estudar o termo *homoiôma*, propõe uma revisão da crítica textual de Rm 5,14, argumentando que no v. 14 deveria ser omitido o *mê*; a tradução ficaria assim: “também sobre os que [não] pecaram”.

Neste último versículo Paulo parece aludir ao que ele próprio escrevera em Fl 2,6-11. Bastarão, pois, estas poucas citações de 1Cor 15 para confirmar o pensamento de Paulo sobre Jesus como novo Adão, início de uma nova humanidade:

²²Assim como por Adão todos morreram, assim também pelo Messias (Cristo) todos receberão uma vida nova... ⁴⁵Assim como está na Escritura que Adão, o primeiro homem, tornou-se um ser (uma *alma*) vivo, o último Adão tornou-se um *espírito* que dá vida... ⁴⁷O primeiro homem é do barro da terra, o segundo homem é do céu.

Tendo em mãos esta chave, que é o paralelo entre Jesus e Adão, podemos abrir o sentido do texto de Filipenses. Começamos com a “forma de Deus” (*morfê theou*), que não é a forma substancial, mas é a figura, a semelhança, a imagem de Deus, o que cabe tranquilamente em Adão. “O ser igual a Deus” (*tò 'éinai 'ísa theô*) também se explica melhor como ‘aquele’ ser igual a Deus que a serpente sugeriu ao ser humano, e não como uma igualdade anterior com Deus que Jesus já possuísse.

‘*Arpagnós*, ato de arrebatado, roubo ou furto, também se explica facilmente na perspectiva de Adão. Ele era imagem e semelhança de Deus como o herói do mito babilônico de *Ghilgamesh*, que pretendeu arrebatado a planta da imortalidade que lhe daria a plena igualdade com Deus. Na tradição bíblica, quem pensou que poderia furtar ou arrebatado a igualdade com Deus como se apanha um fruto proibido?

Segundo as tradições judaicas, o Adão primitivo era andrógino e tinha uma estatura enorme, fala-se em cem côvados de altura⁴. Ele perdeu essas características depois que Deus separou dele a mulher e veio o pecado, então ele deixou de ser imagem e semelhança de Deus e tornou-se um ser humano comum. Segundo Alan Unterman⁵ Isso faz parte das lendas e tradições judaicas. Estando na condição (*'uparxōn*) de forma de Deus como Adão, imagem e semelhança, o segundo Adão não fez como o primeiro, que pretendeu arrebatado a igualdade com Deus, que a fruta e a serpente sugeriam.

A fruta é chamada “do conhecimento do bem e do mal”. Bem e mal, os dois extremos, indicam primeiro a totalidade, como ‘céu e terra’, ‘neste mundo e no outro’, “deitado e de pé”, tudo. Seria, então, a fruta do “sabe-tudo” do ser o mais esperto de todos, como a serpente. Além disso, ‘mal e bem’ pode se entender em termos do mal ou do bem moral, aquilo que se pode ou não se pode fazer. Seria, então, o gosto do homem de ser absoluto, de ser quem decide o que é bom e o que é mau, o que é correto ou incorreto, o certo e o errado.

4. BONSIRVEN, Joseph, *Textes Rabbiniques des deux premières siècles chrétiens*. Roma, PIB, 1955, N. 217.

5. UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Editor, 1992, verbetes Adão, Andrógino e Pecado Original.

Adão às avessas

Novo Adão significa que Jesus é o começo de uma nova humanidade. A atual, além de “inimiga da Boa Notícia do Messias Jesus”, está mergulhada nas “trevas da corrupção e da perversidade”, pois é governada pela sugestão de cada um pretender arrebatado a igualdade com Deus, cada qual competir para ser o maior e o dono do mundo. A nova humanidade começa por uma mudança radical, não pretender furtar a igualdade com Deus, mas tornar-se escravo e o último. Seria como enfiar a mão na meia, segurar o seu fundo e virar totalmente ao avesso.

Assim é que o texto continua, “mas esvaziou-se a si mesmo”. Esse esvaziar-se, essa *kénosis*, palavra que não se encontra no dicionário grego, é frequentemente explorada no sentido da condescendência divina. Para o novo Adão não se trata exatamente disso.

Como novo Adão, Jesus é superior aos seres humanos comuns, mas Ele, que estava na forma ou imagem de Deus, preferiu a forma de escravo, ter a figura (*sxēma*) do ser humano comum. Um bom começo para o começo de uma nova humanidade.

Ele, porém, ainda humilhou-se a si mesmo fazendo-se obediente até à morte e morte de cruz. Apequenou-se (*'etapeinōsen*) mais, tornando-se o menor dos seres humanos. A morte de cruz era terrível, não tanto pelo sofrimento, muito menos pela perda de litros e litros de sangue (Mel Gibson), mas pela humilhação. Um cidadão romano jamais poderia ser crucificado. Para o judeu a cruz significa a maldição de Deus (Dt 21,22-23). Ser pregado pelos punhos numa peça de madeira e ser pendurado inteiramente numa estaca era a última coisa que qualquer judeu ou qualquer ser humano enfrentaria.

Adão, segundo os rabinos dos dois primeiros séculos, desobedeceu ao único mandamento negativo⁶ e atraiu para as gerações subsequentes a morte e um mundo de desgraças; Jesus *se fez obediente até a morte*. O ser humano que pretende ser igual a Deus, conhecedor do bem e do mal, é que introduz no mundo a perversidade, a lei do mais forte, a corrupção e a morte. Jesus vira isso ao avesso, abre para a humanidade o caminho contrário, o caminho da vida, que está em não querer se aproveitar, nem buscar aquele ser igual a Deus, mas fazer-se escravo e colocar-se a serviço dos outros até a extrema humilhação de um condenado à morte maldita, *a morte de cruz*.

Jesus o fez por obediência (*'upakoē*). Deus Pai mandou que Jesus morresse crucificado? Estava com sede de sangue? Queria se vingar do pecado humano? Nada disso! Se para nós a palavra obediência significa o cumprimento exato de uma ordem determinada, no conceito bíblico e paulino, especificamente,

6. BONSIRVAN, Ib, n. 171.

obediência é o oposto de observância. O sistema da Lei exige observância exata, a fé é obediência (Gl 3,2.5; Rm 1,8; 16,9).

Uma hipótese: o leitor é um padre católico e chega-lhe um casal pedindo uma celebração de exéquias bem bonita para seu filho que morreu sem batismo. O menino era o xodó da família, que já tinha duas meninas. O *observante* vai ao Código de Direito Canônico (que contém as normas da Igreja Católica) e responde: “Preciso da licença do Bispo para celebrar exéquias de criança sem batismo. Vocês podem ir pedir ao Bispo, depois, depois voltem!” O *obediente* “oferece o ombro” para o casal chorar. O obediente não se guia simplesmente pela lei, mas pelo apelo de Deus nos fatos.

No grego, no latim e também no português, ‘obediência’ vem de audiência, ouvir (e ver) com atenção. A expressão “obediência da fé” e mesmo “audiência da fé” que se encontra em Paulo, explica-se, até mesmo com textos do próprio Paulo, como genitivo epexeagético: ‘obediência’ ou ‘audiência’, ‘atenção’ que é a fé. Paulo diz em Rm 1,8 que o mundo inteiro elogia a **fé** dos romanos e em 16,19 ele diz que a **obediência** dos romanos é conhecida de todos.

Para nós a palavra obediência significa o cumprimento exato de uma ordem recebida. Para Paulo não, obediência para ele é aquilo que os fatos exigem de nós por fidelidade a Jesus Cristo. Escrevendo a Filêmon, Paulo diz no v. 8 que poderia dar uma ordem ao amigo a propósito de seu escravo fugitivo chamado Onésimo, mas prefere apenas (v. 9s) interceder por ele. No v. 22 diz estar certo da obediência de Filêmon. Não deu ordem e confia na obediência. Para nós seria um contrassenso; para Paulo, não.

A obediência de Jesus se opõe às Escrituras. Segundo o Deuteronômio, é um amaldiçoado por Deus quem morre pendurado. Para não contaminar a terra é preciso sepultá-lo o mais breve possível, como foi feito com Jesus. Na leitura fundamentalista ele é uma maldição e não uma bênção. Mas ele se fez maldição para nos livrar da maldição da Lei, que diz: “Maldito seja aquele que não observar tudo o que aqui está escrito” (Gl 3,10-14).

Como a fé ou fidelidade ao Messias Jesus, a obediência se opõe à ideologia da Lei, que exige, como único caminho de salvação, a observância irrestrita. Talvez a palavra *‘upakoé* fosse mais bem traduzida por ‘coerência’.

Dentro do contexto

Dentro do contexto da carta, à luz da retórica semita, o modo de agir e pensar do Messias Jesus é o paradigma a ser seguido para que a comunidade busque a perfeição que lhe falta. Paulo disse: “que cada qual se considere o último de todos e só pense no interesse dos outros”, o que, na prática, poderia parecer impossível, mas o Messias Jesus o realiza.

A tentação de pretender o primeiro lugar e só pensar no próprio interesse se identifica com a pretensão de ser igual a Deus. É isso que faz o mundo opor-se aos seguidores do Messias (B) e ser um mundo de trevas e corrupção (B') no qual os discípulos devem ser um farol a iluminar.

A função do hino

O trecho C', que seria o chamado hino cristológico, tem um papel bem claro e definido: é mostrar, no comportamento do Messias Jesus, que é possível a gente se esquecer de si e pensar só nos outros, que é possível também a gente se colocar em último lugar, abaixo de todos os outros. São os dois conselhos que ele deu no trecho C: Para completar a alegria do Apóstolo, para a comunidade atingir a plenitude de sua realização, cada um deve se considerar o último e colocar-se a serviço de todos, nada por ganância, nada por vaidade. Difícil? Impossível? Não, aí está o paradigma de Jesus (C').

No trecho B ele tinha dito que essa comunidade deve ficar feliz com as dificuldades e perseguições do mundo inimigo; e no trecho B' vai dizer que deve ser um holofote a iluminar as trevas da perversidade e da corrupção dominantes, e que este serviço ao mundo é o objetivo final, pelo qual vale a pena dar o sangue. O serviço ao mundo (B e B') depende do que se vive dentro da comunidade (C) e que tem seu fundamento em Jesus, escravo da humanidade e último dos homens (C'). Medo não precisa ter (B), porque Jesus foi exaltado e ganhou o título de Senhor (C').

As dificuldades, desafios, invejas e incompreensões que a prisão de Paulo provoca (A) assim como a dedicação sincera de Timóteo, as dúvidas quanto à situação de Paulo e os sofrimentos e preocupações com a doença de Epafrodito (A'), tudo ganha sentido na figura de Jesus escravo, coerente e humilhado, agora exaltado como Messias e Senhor.

Assim a própria retórica semita, a organização desta parte central da carta, mostra que Paulo está falando de Jesus neste pequeno poema apenas para dar força e incentivar os membros da comunidade cristã a viverem entre si com critérios totalmente diferentes dos deste mundo de ganância e vaidade. Só assim a comunidade cristã poderá vencer o que lhe é inimigo e vir a ser luz para o mundo.

Dor ou significado

Sacrifício para muitos soa como dor ou sofrimento que a pessoa não quer, mas que suporta com resignação. Nada disso se encontra em nosso texto. A morte maldita assumida por obediência (coerência) contra o próprio texto da Escritura não deixou de ser dolorida física e psicologicamente, mas foi querida.

Para abrir para a humanidade, perdida na ganância e na competição desenfreadas, conduzida pela exploração do homem pelo homem, não havia outro

caminho, senão fazer o contrário, em vez de pretender ser senhor e dono de tudo, tornar-se escravo de todos, em vez de querer ser o primeiro, assumir ser o último, em vez de procurar o sucesso, querer o fracasso. Só isso poderia mudar os rumos, traçando um novo paradigma para a humanidade.

Tenham dentro de vocês os mesmos sentimentos e mente que há dentro de Jesus, o Messias. Tendo vindo à existência⁷ como imagem de Deus, Ele não achou que aquele ser igual a Deus fosse objeto de furto; ao contrário, esvaziou-se⁸ a si mesmo, assumindo a figura de escravo, à semelhança dos outros homens, e, encontrando-se em condição simplesmente humana, ainda humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso Deus o superexaltou e concedeu-lhe o título que está acima de qualquer outro título, para que, diante do título que Jesus tem, dobrem-se todos os joelhos por todo o céu, por toda a terra e debaixo da terra, e toda língua reconheça que Jesus Cristo é SENHOR para a (na⁹) glória de Deus Pai.

7. Neste sentido Paulo usa o verbo *'uparkein* duas vezes no capítulo 11 de 1Cor (v. 7, falando do homem que começou a existir como imagem de Deus; e v. 18, falando das divisões que começam a aparecer na comunidade).

8. Como diz o segundo cântico do Servo de Javé (Is 49,4): “e eu que pensava (*kenô's 'ekopiasa*) labutei à toa, vaziamente”, Jesus quis parecer batalhar por nada.

9. Qualquer das traduções (*na* ou *para*) é possível.